



Seção

do **CANDIDATO** à

**ESCOLA DE COMANDO E
ESTADO MAIOR DO EXERCITO**

C. 6-59 - 27.007 - 24.4

200 / 23-11-95.4

N. 6-59

Coordenador Major OCTAVIO TOSTA

Por se tratar de um trabalho que poderá ser muito útil aos companheiros que se estorçam para enfrentar e vencer a grandiosa batalha do Concurso de Admissão à ECEME, transcrevemos, neste número, esta primeira colaboração do nosso companheiro Major Germano Seidl Vidal.

O autor já é conhecido no Exército como estudioso de Geografia, História e Geopolítica. O excelente trabalho que ora apresentamos é, por sua clareza, objetividade e apresentação agradável, uma viva afirmação das credenciais do Major Vidal.

I — LUTAS MILITARES NO PRATA, DA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DO SACRAMENTO ATÉ O TRATADO DE S. ILDEFONSO

Major GERMANO SEIDL VIDAL

I — PREAMBULO

As mais importantes lutas travadas pelo Brasil-Colônia e pelo Brasil-Império foram na área platina, consequência do valor político-econômico daquela bacia.

Interesses múltiplos reagiram na colonização do Prata, desde a chegada dos primeiros europeus ao vasto estuário e às terras vizinhas. Foi aí o teatro do choque das correntes colonizadoras hispano-lusitanas, sede da cobiça da França e Inglaterra, base do entrelopo, núcleo de hostilidade dos charruas, berço acolhedor da civilização jesuítica-guarani, meta dos audaciosos bandeirantes e, finalmente, espelho da política das Metrôpoles e de suas relações no Velho Continente.

As lutas que vamos resumir escreveram a própria história de nossos vizinhos meridionais, durante uma centúria.

Para a enumeração didática dos fatos, fartamente descritos em clássicos compêndios da História Pátria e dos países platinos, tentaremos arrumá-los da forma seguinte: Iniciar pelo estudo dos antecedentes das lutas e a evolução da colonização da América do Sul, esclarecer os fatos que redundaram no estabelecimento do português à bôca do Prata e, finalmente, estudar as lutas de 1680 a 1777 nessa região.



Fig. 2

Colônia do Santíssimo Sacramento, bastião luso na bôca do Prata, foi motivo de intensas lutas e terminou arrasada totalmente em 1777

Fig. 7

O 1º Vice-Rei do Prata, à frente da maior expedição até então enviada para a costa Atlântica, desembarcou em terras portuguesas, na Ilha de Santa Catarina



Fig. 10

O contrôle da navegação do Rio da Prata foi motivo de desavenças por 3 séculos. Hoje, com outras variáveis, ainda é uma operação de geopolítica

II — DESENVOLVIMENTO

1. Introdução:

A mão do destino colocou, de início, entre os principais focos de colonização ibérica, Pernambuco e Peru, a massa continental sul-americana, vasta e desconhecida. Proporcionando aquelas duas regiões lucros às coroas conquistadoras, não tardou o desenvolvimento de novas zonas. Os espanhóis infiltrando-se pelo Prata, em Assunção; e os portugueses fixando-se à beira do paredão da Serra do Mar, em S. Vicente. No atual Paraguai, os colonizadores da época, vivem à sombra das riquezas fabulosas do Peru e de Potosi, como possíveis agências subsidiárias de triagem da prata; enquanto no planalto paulista, pobre de recursos, os mamelucos encontram o seu fastígio no apresamento do silvícola. Enquanto isso, a ferocidade dos charruas faz deixar "sem dono", as terras vizinhas do estuário do Prata. É finalmente, no estabelecimento definitivo dos espanhóis à margem meridional do Prata e nas "descidas" dos intrépidos bandeirantes às "reduções" do Sul, que se encontram os descendentes dos tradicionais adversários: Portugal e Espanha.

2. Fundação da Colônia do Sacramento:

Num vislumbre político de longo alcance compreendeu D. João IV de Portugal, a necessidade de balizar com um padrão vivo a ambição portuguesa de estender os limites da Colônia até o estuário platino. Corria o terceiro quartel do século XVII e o ponto ocupado mais ao Sul era Laguna. Tentou, então a coroa lusa, o golpe audacioso. Encarregou D. Manoel Lobo, Governador do Rio de Janeiro, da tarefa intrépida. E, a 1680 fundou-se, frente à próspera Buenos Aires, o bastião português de Colônia do Sacramento. Protestam os espanhóis, sem resultados. A presença dos portugueses, à margem do Prata, era por demais inconveniente para os espanhóis e surgem as reações, que vão se estender por um século de ardentes lutas.

3. Lutas militares:

A — Reações espanholas após a fundação:

Agravava a instabilidade política de Sacramento a concorrência econômica que o novo centro proporcionava, pelo contrabando exercido em detrimento do monopólio de Castela. A situação militar era, para os lusos, também desfavorável, pois estavam diante da "base" dos adversários e completamente afastados da fonte de recursos lusos na América.

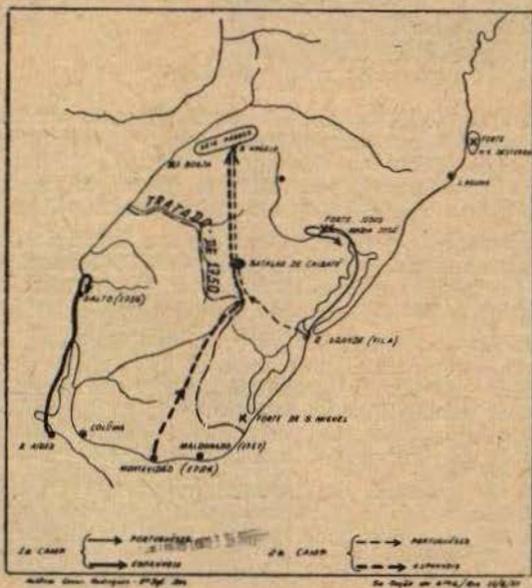
A reação espanhola vem seis meses após a fundação de Sacramento. Assaltam-na, enfrentando vigorosa resistência. D. Manoel, prêsso, é mandado para terras hispânicas (na América), de lá nunca mais regressando; os colonos são dispersos.

Não demoram as reclamações portuguesas. Em 1681 o *Tratado Provisional* restabelece a cordialidade entre as duas potências e manda restituir Colônia, o que foi efetivado dois anos mais tarde. De posse da cidade tratam os portugueses de desenvolvê-la, progresso este sempre facilitado pelo comércio ilícito, tão prejudicial aos seus vizinhos. Seguem-se duas décadas de paz, recalçando a animosidade antiga.

Em 1701, D. Pedro II, de Portugal, assina um Tratado de Aliança ofensiva e defensiva com a Espanha, então às voltas com a guerra de sucessão. Porém, dois anos mais tarde, a política inglesa arrasta a coroa lusa a firmar o Tratado de Methuen, o que lhe acarretava, mais uma vez, a inimizade dos espanhóis. A repercussão na América logo se faz sentir. Felipe V, de Espanha, ordena a tomada de Colônia. Valdez, Governador



Marcha dos portugueses e espanhóis nas
Guerras Guaránicas.



de Buenos Aires, assalta a cidade, reforçado por índios das "reduções". Os portugueses, com Veiga Cabral à frente, resistem seis meses, entregando finalmente a praça (1704).

A *paz de Utrecht* (1713) põe fim à guerra de sucessão espanhola, seguindo-se o tratado de 1715, em que a Espanha e Portugal acordavam que Colônia e seu território eram cedidos à monarquia lusa.

Em 1716 os lusos reocupam Sacramento e o fazem sob protesto em virtude da interpretação da área do território que lhe dá o Governador de Buenos Aires. Num ambiente de guerra surda procuram se firmar os portugueses. Tentam o estabelecimento na área de Montevidéu, em 1723, sendo frustrada a tentativa pelos espanhóis. Estes, bloqueiam o ponto extremo português. Em 1726 fundam definitivamente Montevidéu, que fortificam. Depois vem Maldonado e Salto. Colônia estava bloqueada, asfiziada e nas garras de seus algozes.

Um pequeno incidente na política das Côrtes dá motivo para que o governador buenoiense, em 1735, novamente ataque a cidade por terra e mar. O governador português, Antonio Pedro de Vasconcellos, com energia e astúcia, defende a praça, fazendo os sitiados desistirem do intento.

Em 1737, o *Armistício de Paris*, faz cessar tôdas as hostilidades na América, até novo ajuste.

Entretanto, o Governador do Rio, Gomes Freire de Andrade, planeja reconquistar Montevidéu e atacar Buenos Aires. A expedição apresada, chefiada por Silva Pais, encontra resistência em Montevidéu, dirigindo-se para o Rio Grande. Aí é ela responsável pelas várias fortificações surgidas: Forte Jesus-Maria-José, Sant'Ana e S. Miguel. Nessa ocasião é o mesmo Silva Pais que manda ocupar militarmente a Ilha de S. Catarina, com a fundação do Forte de N. S. Destêrro.

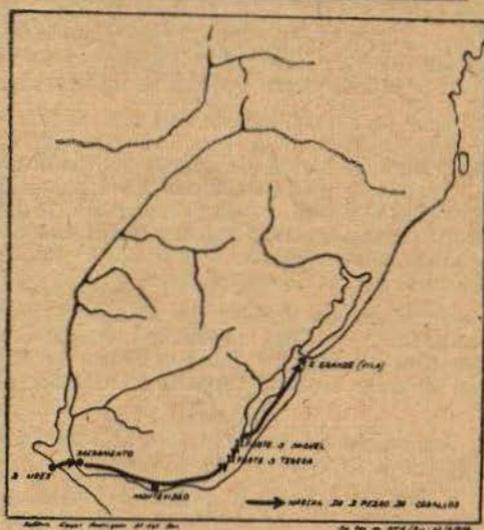
Analisando-se as conseqüências dessas lutas, decorrentes da reação imediata à fundação de Colônia do Sacramento, verifica-se que os lusos empenharam-se sèriamente no desenvolvimento da colonização do Brasil meridional, disto resultando o desenvolvimento de Laguna e Destêrro e a fundação de S. Pedro do Rio Grande. Por outro lado, convém assinalar, que indo ao encontro dos espanhóis na fronteira natural que é o Prata, os lusos implicitamente puderam impedir a expansão dos mesmos para o Norte e preparar a conquista de uma faixa neutra, representada pela zona de disputa que se converteu no estado tampão, hoje o Uruguai.

B — Guerra Guaranítica:

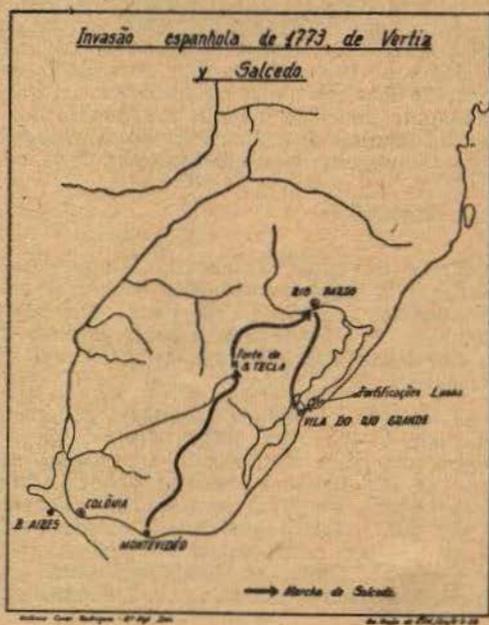
Em conseqüência de dupla ligação de família das casas reinantes em Portugal e Espanha, criou-se ambiente favorável ao soluçionamento das lindes das colônias. O *Tratado de Madri*, em 1750, é fruto dessa situação apaziguadora. Por êle, Portugal perde Colônia, ficando de posse dos Sete Povos das Missões do Uruguai, estabelecendo-se o extremo Sul em Castilhos Grandes.

Em 1751, os Governos nomeiam comissões encarregadas da demarcação, materializando a linde por balizas apropriadas. O novo tratado exigia de Portugal, em troca de Colônia, a ocupação de grandes tratos de terra a Leste do Rio Uruguai, onde se achavam aldeados os índios guaranis das "reduções" jesuíticas espanholas. Reagem os silvícolas. Tasso Fragoso diz que o fazem por índole própria, em defesa de seu "habitat", mais do que por insuflamento dos padres. No acôrdo da Ilha Martim Garcia resolvem, então, as Comissões mistas de demarcação, a efetivação pela força do seu desiderato. É a chamada "guerra guaranítica".

Invasão espanhola de 1762 de CEBALLOS



Invasão espanhola de 1773 de Vertiz y Salcedo



a) 1ª Campanha — Portugueses e espanhóis marcham separados, sendo missão dos primeiros o ataque a S. Ângelo e dos segundos a S. Borja. Estes partem de Buenos Aires, sob o comando de Andoanegui, seguem pela margem esquerda do Uruguai, enquanto os acompanha, subindo o rio, uma flotilha. Por deficiência de recursos e devido ao rigor da estação não prosseguem os espanhóis, que retrocedem para próximo de Salto, onde atacados pelos índios os vencem facilmente. Os portugueses abalam-se do Rio Grande, sob o comando de Gomes Freire de Andrade. Atravessam a Lagoa dos Patos e sobem o Jacuí, acampando no Forte Jesus-Maria-José. Prosseguem, então, por terra, até às faldas da Serra do Botucaraí. As dificuldades encontradas e a retirada dos espanhóis, face ao ataque combinado aos Sete Povos, obrigam Gomes Freire a firmar com os índios um pacto de tréguas (1754).

Como conseqüência: As forças portuguesas ocupam larga faixa do Vale do Jacuí para onde são encaminhados os colonos açorianos, avançando assim o limite da colonização branca. A demarcação não foi feita.

b) 2ª Campanha — Nesta (1755 — 1756) portugueses e espanhóis juntam-se com antecedência em Sarandi, nas cabeceiras do Rio Negro, avançando contra o inimigo. Nas margens do Vacacaí logram matar, numa escaramuça, o morubixaba Sepé, ao que parece principal chefe dos guaranis na resistência heróica. Adiante, nas nascentes do Cacequi (próximo à atual S. Gabriel) trava-se a batalha de Gaibaté, em que o ataque envolvente dos hispano-lusitanos impõe tremenda derrota aos índios, tornando-se fácil a ocupação das Missões.

Apesar da vitória militar, a demarcação no Sul não pode ser ultimada tantos foram os atritos e as dificuldades geográficas. Já as próprias Côrtes não viam com simpatia os limites de 1750. Os portugueses inconsoláveis com o abandono de Colônia, os castelhanos, com cessão indebita da vasta área à esquerda do Uruguai e os jesuítas, pressionando do Paraguai para o restabelecimento das Missões, provocam a eclosão política de *El Pardo* (1761), onde "tôdas as causas pertencentes aos limites da América e Ásia" se restituíam aos antigos Tratados. Era o retorno à Tordezilhas, com Portugal em Colônia.

Como conseqüência: Houve grande imigração de guaranis para o núcleo português de Gravataí, abriram-se as primeiras estradas na campanha gaúcha e, seu interior devastado, permitiu o estabelecimento das primeiras cartas geográficas da região.

c) *Invasão de Ceballos* (1ª invasão espanhola — 1762) — Em 1762 estalou na Europa nova guerra entre Portugal e Espanha. Dera-lhe azo a coligação dos Bourbons, isto é, França, Espanha e Nápoles contra a Inglaterra. Portugal tentava ficar neutro, mas os ingleses arrastaram-no para a luta, pondo-o do lado deles. A repercussão nas colônias americanas não tardou. D. Pedro de Ceballos, que havia sucedido a Andoanegui, no Governo de Buenos Aires, apresenta-se com poderosa força frente a Sacramento. O Governador Fonseca, sem resistência enérgica, entrega a praça um mês depois. Ceballos dirige-se, então, para o Norte rumo ao Rio Grande. A caminho apossa-se dos Fortes de S. Tereza e S. Miguel e, finalmente, entra vitorioso na Vila de S. Pedro. Daí, transpôs o canal e penetra uma légua no interior da restinga de Pernambuco. Somente a assinatura do *Tratado de Paris* (1763), que impunha a restituição de tôdas as conquistas feitas durante a guerra, fê-lo deter-se. A Espanha, entretanto, só restituiu Sacramento, guardando Martim Garcia, Dos Hermanos e parte do atual R.G. Sul.

Como conseqüência: Maior acirramento dos lusos contra os espanhóis pelo não cumprimento do *Tratado de Paris* e isolamento de Colônia, no extremo Sul, totalmente exposta aos ataques castelhanos.

d) *Campanha de Vertiz y Salcedo* (2ª invasão espanhola — 1773) — Ao assumir o governo de Buenos Aires, em 1770, Vertiz y Salcedo

sentiu o perigo português. Ao Sul, em Colônia, os portugueses estavam totalmente rodeados pelos hispânicos. Ao Norte, no canal de São Gonçalo, os espanhóis estavam envolvidos e hostilizados pelos portugueses. Concebeu então um plano, inspirado, como diz Tasso Fragoso, "em sã doutrina militar". Visava repelir os portugueses para a margem Norte do Jacuí, mediante a conquista de Rio Pardo e de toda a campanha ao Sul daquele rio. A operação traria como resultado pôr entre os contendores a Lagoa dos Patos e o Rio Jacuí, com excelente posição para os espanhóis.

Com estes objetivos, em 1773, parte Salcedo de Montevidéu à frente de forte expedição. Pela lombada da Coxilha Grande atinge as cabeceiras do Negro onde funda o Forte de S. Tecla, que lhe vai servir de base de operações. Depois rumo para o Rio Pardo onde se defronta com o Governador da Província, José Marcelino. Um hábil estratégia dos defensores atemoriza o invasor, que se retira para a Vila do Rio Grande. A Espanha não concordando com este procedimento, deu ordens terminantes para nova campanha de conquista. Nesse ínterim, já em 1774, reforços vão chegando de Portugal sendo encaminhados pelo Vice-Rei, Marquês do Lavradio, para o teatro de lutas no Sul.

Como consequência: Os contendores, ambos insatisfeitos, retomaram-se para novas lutas.

e) *Campanha do General Böhm* — Da corte lusa, envia Pombal para dirigir as operações no Sul do Brasil, o General Henrique Böhm. Este desembarca em Laguna e empreende marcha rumo ao Rio Grande. Recebendo reforços de vários lugares chega a formar o famoso Exército do Sul, com cerca de seis mil homens. As primeiras operações se desenrolam em torno da tomada da margem N. do Canal e da Vila do Rio Grande. Em 1776, uma esquadra lusa, sob o comando de Mac Dowell trava combate com os espanhóis em frente à Vila. O desenlace é desfavorável a Portugal. Mas o General Böhm não se deixou abater, muito pelo contrário, toma a resolução de assaltar os fortes da margem direita. Com o simulacro do festejo do aniversário da rainha, os portugueses, na madrugada seguinte, transpõem o canal e assaltam de surpresa os castelhanos. O último baluarte é abandonado pelos espanhóis no dia seguinte. A esquadra espanhola em fuga é atacada e quase toda se perdeu ao transpor a Barra. Preparavam-se os lusos-brasileiros para atacar a Vila do Rio Grande quando souberam que os espanhóis a tinham evacuado, deixando copioso material.

O plano de Böhm não se limitava à reconquista do R. Grande, mas previa operações também no interior. Foi assim que, de Rio Pardo, partiu Rafael Pinto Bandeira dirigindo-se para o Forte de S. Tecla, que após curto sítio, toma e arrasa. A seguir, enfrenta os entrincheiramentos de S. Martinho, construídos em cima da Serra e considerados como chave das Sete Missões, apoderando-se dos mesmos de surpresa.

Como consequência: O contragolpe luso faz retrair a investida espanhola rumo ao Norte; ressalta o valor tático de S. Tecla e Rio Grande e faz a Espanha compreender o perigo imediato que a aguarda, exigindo imediatas providências. A principal medida tomada é a formação de um governo central no Rio da Prata, com a criação do Vice-Reinado, à semelhança do que Portugal já fizera com o Brasil.

f) *Nova invasão de Ceballos* (3ª espanhola — 1777) — Para o novo governo do Prata, como 1º Vice-Rei, é nomeado aquele violento e apaixonado, D. Pedro de Ceballos e pôsto a caminho da América à frente da maior expedição até então para aqui enviada. Ceballos rumo para S. Catarina onde chega em princípios de 77. Fácil lhe foi tomar a Ilha de S. Catarina, desprovida de recursos e com poucos defensores. Remete instruções a Salcedo para que, por terra, se dirija para o Norte em direção à Vila do Rio Grande. Ceballos pensa desembarcar na en-

seada de Castillos Grande, diz Tasso Fragoso, porém um "pampeiro" não consentiu, fazendo-o arribar a Maldonado. Modificado o plano inicial, daí marchou para Montevidéu e em seguida Colônia. Os entendimentos que realizou com o Coronel Francisco José da Rocha obrigam êste à rendição incondicional. Cebalos manda arrasar totalmente a cidade, que na época possuía 2.600 habitantes e se constituía numa das mais formosas e ricas povoações da jurisdição platense. Depois desta façanha apressa-se Cebalos a reforçar as tropas de Vertiz que marchou para o Norte. Atalha a prossecução da luta, a chegada de ordens terminantes das metrópoles para a suspensão das hostilidades. Poucos meses depois da interrupção da guerra, Portugal e Espanha assinam o 2º Tratado de Limites, chamado de *S. Ildefonso*.

"Os artigos dêste tratado, diz Varnhagem, foram ditados pela Espanha, quase de armas na mão e os pactos não podem deixar de parecer-se aos do leão com a ovelha timorata". Os limites Sul da colônia partiam da foz do peperi-guaçu, deixando Sete Povos para a Espanha, ganhando o corte do Piratini para daí marginar a Lagoa Mirim até o Chuí. Portugal "ganhava" de novo S. Catarina e perdia as Missões e Colônia.

Como conseqüência: O final das lutas no Sul em 1777 proporciona má situação para a coroa lusa: A perda do bastião português erguido há 90 anos na margem do Prata e a metade do atual Estado do Rio Grande do Sul. Vigorasse, ainda hoje, o tratado de 77 e nossas lindes meridionais estariam adentradas de muitos quilômetros, perdendo-se extensa e fértil região da campanha gaúcha.

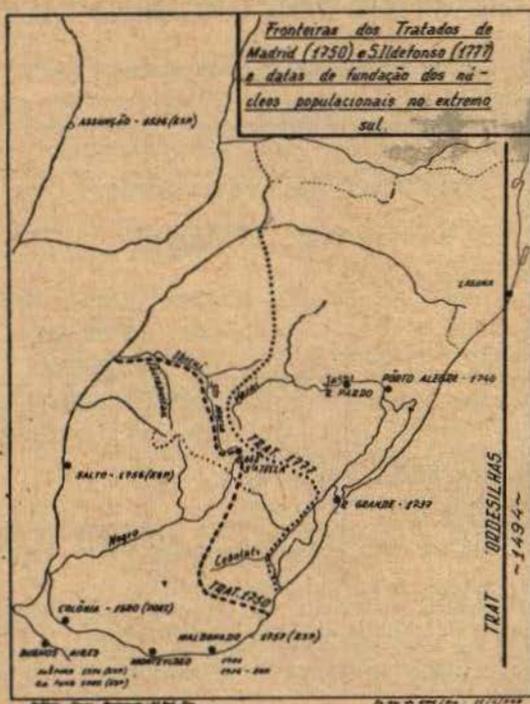
4. CONCLUSÕES FINAIS

As lutas no Prata de 1680 a 1777 resultaram, como dissemos de início, do encontro da expansão lusa com a espanhola. Estas lutas culminaram com a destruição de Colônia e o desmantelamento do Estado Teocrático dos jesuítas à margem do Uruguai. Os tratados e pactos firmados durante as lutas explanadas foram totalmente alheios aos interesses das colônias e subordinaram-se às oscilações da política européia.

No de Madri obtinham os portugueses as melhores vantagens, sendo o de 77 o que pior situação territorial nos proporcionou, dando azo a lutas reivindicatórias posteriores.

Durante estas guerras vários fatos importantes sucederam:

- os paulistas, heróis do sertão, fundam Iguatemi, exploram os campos de Guarapuava e abrem estradas para o Sul, a fim de virem combater os espanhóis;
- os portugueses ficam marcos vivos no Oeste distante, com os fortes de Príncipe da Beira, no Guaporé e Nova Coimbra, às margens do Paraguai;
- o povoamento do R.G. Sul cresceu extraordinariamente;
- fundam-se inúmeros centros: Entre os portugueses, S. Antonio da Patrulha, N.S. da Conceição do Viamão, Jesus-Maria-José do R. Pardo, Pôrto dos Casais (Pôrto Alegre); entre os espanhóis, Salto, Maldonado, S. Carlos e Paissandu;
- o Tratado de S. Ildefonso e a fraqueza da metrópole lusa servem de paliativo para as lutas no Prata. O século seguinte vai reabrir a contenda e possibilitar aos lusos-brasileiros a recuperação dos territórios perdidos.



BIBLIOGRAFIA

General Paula Cidade — Lutas ao Sul do Brasil, com os espanhóis e seus descendentes — Biblioteca Militar — 1948.

General Tasso Fragoso — A Batalha do Passo do Rosário — Imprensa Militar — 1922.

Pandiá Calógeras — Formação histórica do Brasil — Cia Editora Nacional — 1945.

F.A. Varnhagem (Visc. de Pôrto Seguro) — História Geral do Brasil — Cia. Melhoramentos de S. Paulo.

NOTA — As figuras de ns. 4, 7 e 10, que ilustram o presente artigo, foram desenhadas por Renato Silva e extraídas do Suplemento de Natal de 1952, do "Diário de Notícias", do Rio, tendo reprodução autorizada.

PODEM PRESTAR NOVAMENTE CONCURSO À ECEME

O Sr. Presidente da República em Decreto n. 46.213, de 12 do corrente, suprimiu o art. 91 do Regulamento para a ECEME.

Dessa forma, os candidatos sem habilitação em três concursos poderão inscrever-se em novo concurso.

II — QUESTÕES DO CONCURSO DE 1958

(Continuação do número anterior)

CONHECIMENTOS MILITARES — 1ª PROVA

(Para Oficiais das Armas e Serviços)

1ª PARTE — OFENSIVÀ

Crt : Rio Grande do Sul

Esc : 1/50.000

Fl : CAPIVARÍ

DOCUMENTO N. 1

Anexos : Calcos ns. 1A e 1B

1. SITUAÇÃO GERAL (Ver Calco anexo n. 1A)
 - a. As forças AZUIS do SE, que atuam ofensivamente na direção de URUGUAIANA, vêm sendo retardadas pelos VERMELHOS do NW.
 - b. A 1ª DI AZUL, articulada em GT, progride com o GT 1, a E, a cavaleiro da estrada PASSO DO CARDOSO — JOÃO ADOLFO e com o GT 2, a W, a cavaleiro da estrada ponto cotado 88 (220832) — FAZ. EUSTAQUIO ORMAZABAL — BOAVENTURA MADEIRA V.

2. MISSÃO DOS GT (Ver Calco anexo n. 1A)
 - a. GT 1 :

Vem atuando com a missão de conquistar a região de JOÃO ADOLFO — ANANIAS RIELA — FAZ. BOA VISTA onde deverá ficar em condições de :

 - prosseguir na direção URUGUAIANA ;
 - lançar um elemento para SW na direção JOÃO ADOLFO — ALBERTINO PIRES, a fim de cooperar, se necessário, na conquista das alturas NE de ALBERTINO PIRES.
 - b. GT 2 :

Vem atuando com a missão de conquistar as alturas a NE de ALBERTINO PIRES.

3. MEIOS DISPONÍVEIS

O GT 1, para o cumprimento de sua missão, dispõe dos seguintes meios (no que interessa à solução):

 - Cia C e Cia Sv ;
 - 3 BI, Cia Can AC 57, Cia Mrt P 4.2 ;
 - 1 GO 105 AR e 1ª/1º BECmb + 1º/1ª/102º BECmb ;
 - 1º BCC Me (— 3ª Cia).

4. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

a. Terreno

- Permite o movimento de viaturas através do campo.
- As regiões assinaladas na carta como "terreno encharcado" constituem obstáculo à Infantaria e a qualquer tipo de viatura.
- As margens do ARR. CAPIVARI entre o bosque (217896) e a estrada ponto cotado 88 (220832) — FAZ. EUSTAQUIO ORMAZABAL são pantanosas.

b. Condições meteorológicas

Tempo bom e firme.

5. EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS (Ver Calco anexo n. 1A)

- a. Os elementos de 1º escalão dos GT 1 e PT 2, ao atingirem a linha ARR. CAPIVARI — BOA Vista — ARROIO CARUMBÊ, não puderam mais prosseguir em virtude da ação do inimigo que, aproveitando muito bem o terreno, apresenta resistência em toda a frente.
- O 2º/4º RI que vinha progredindo com muita dificuldade, atingiu o corte do ARROIO CARUMBÊ.
- b. Às 0800 do dia D, a situação do GT 1 era a seguinte :
- 1º BI com duas Cias em contato a W do ponto cotado 153 (255918) e uma Cia em 2º escalão.
 - 2º BI a E do ponto cotado 153 com duas Cias em contato e uma Cia em 2º escalão.
 - 3º BI reunido na região imediatamente ao N de ARMANDO S. CARDOSO.
 - 1º GÔ 105 AR.....
 - 1ª/1º BECmb (+).....
 - 1º BCC Me (—) reunido na região de ARMANDO S. CARDOSO.

6. INIMIGO (Ver Calco anexo n. 1B)

- a. Na frente de contato foram identificados os seguintes elementos :
- de Cav, a SW do bosque (217896);
 - valor de uma Cia Fzo entre o bosque (217896) e BOA VISTA;
 - valor de uma Cia Fzo a NE de BOA VISTA.
- b. Em profundidade foram observados trabalhos de OT nas seguintes regiões :
- bosque (204910);
 - VVA. RIÉLA;
 - alturas SE de ANANIAS RIÉLA;
 - alturas S de JOÃO ADOLFO.
- c. Foram assinalados carros de combate isolados, bem como campos de minas contínuos do bosque (217896) para NE.
- d. O S2 do GT 1 atribuiu ao inimigo a possibilidade de defender as atuais posições com o valor de três Cias Fzo reforçadas por CC e elementos de Cav.
7. Em face da situação, o Cmt do GT 1 decidiu coordenar a ação dos seus elementos de manobra e atacar, sem perda de tempo, para conquistar seu objetivo (02).

DOCUMENTO N. 2

Anexo : CALCO n. 1C

TRABALHO PEDIDO

1. O S3, durante o estudo de situação, examinou as vias de acesso bali-zadas, no Calco anexo n. 1C, pelas direções ns. 1, 2, 3 e 4 e apre-sentou ao Cmt do GT 1 as linhas de ação mais favoráveis.
 - O Cmt do GT 1, em face da situação, decidiu atacar em duas vias de acesso estudadas e fixar o inimigo nas demais.
 - O Sr. é o Cmt do GT 1.
 - a. De que elementos de manobra e de apoio o Sr. dispõe para realizar o ataque ?
 - R : (1) Elementos de manobra :
 - (2) Elementos de apoio :
 - b. Marque, a seguir, com o sinal + as duas direções nas quais o GT 1 vai atacar.
 - () Direção n. 1.
 - () Direção n. 2.
 - () Direção n. 3.
 - () Direção n. 4.
 - c. Em qual delas decidiu fazer o ataque principal ? Por quê ?
 - R :
 - d. Coerente com a solução acima indicada, que elemento (BI ou Cia Fzo) pensa empregar em cada uma das vias de acesso, inclusive naquelas em que o Sr. vai apenas fixar o inimigo ?
 - R :
 - e. De que elemento, particularmente apto, o Sr. dispõe para lançar, após a conquista de 02 e, se necessário, na direção JOÃO ADOLFO — ALBERTINO PIRES, a fim de cooperar com o GT 2 ?
 - R :
2. Que forma de ataque o GT 1 vai realizar ? De penetração - De desbordamento ? De envolvimento ? Justifique a resposta, com base nas características de cada uma das formas de manobra acima mencionadas.
 - R :
3. Qual a finalidade de um ataque secundário ?
 - R :
4. Como um Cmt de GT pode caracterizar o seu ataque principal ?
 - R :
5. Que medidas de coordenação devem ser estabelecidas, tendo em vista centralizar ao máximo um ataque ? Qual a finalidade de cada uma dessas medidas de coordenação ?
 - R :
6. Como um Cmt de GT no ataque poderá intervir na conduta do combate ?
 - R :

7. Com que finalidades poderá ser empregada uma reserva num ataque?
R:
8. O Cmt do GT 1 decidiu atacar com carros e Infantaria, nas mesmas direções e nas duas vias de acesso por êle selecionadas.
O S3 examinou os seguintes processos de emprêgo:
— os carros avançam na frente da Infantaria;
— os carros e a Infantaria progridem juntos com a mesma velocidade;
— a Infantaria avança na frente dos carros.
Qual dêstes processos foi escolhido? Por quê?
R:
9. Tendo em vista a linha de ação escolhida pelo Sr. para o ataque do GT 1, em que região, dentre as indicadas no Calco anexo n. 1C (regiões A, B, C, D, E, F e G), desdobraria o 1º GO 105 AR?
Justifique a sua solução.
R:
10. A que se destinam os fogos de artilharia antes do ataque? E durante o ataque?
R:
11. A 1ª/1º BECmb (+ 1º/1ª/102º BECmb) vai apoiar o desembocar do ataque do GT 1. Em que consistirá êsse apoio?
R:
12. Como deve cooperar a Engenharia na consolidação dos objetivos conquistados?
R:
13. Tendo em vista a organização do sistema de comunicações, que ligações o Cmt do GT 1 terá que estabelecer obrigatoriamente?
R:
14. O GT 1 vai necessitar de suprimentos das classes I, II, III, IV e V. Do que consiste, principalmente, cada um dêstes suprimentos?
R:
15. Que tipo de ração seria consumido pelo GT 1 durante o ataque?
R:
16. O ataque exige maior ou menor intensidade no esforço de apoio de saúde que a defensiva? Por quê?
R:

2ª PARTE — DEFENSIVA

Crt: Rio Grande do Sul
Esc: 1/50 000
Fl: PEDREGAL

DOCUMENTO N. 1
Anexo: Calco n. 2A

1. SITUAÇÃO GERAL (Ver Calco anexo n. 2A)
- a. Os VERMELHOS do S invadiram nosso território e progridem para o N, retardados pela força de cobertura AZUL.

- b. O Comando AZUL, tendo em vista reunir novos meios para, posteriormente, passar à ofensiva, decidiu instalar-se defensivamente na linha geral: ARROIO SARANDI (do N) — JOÃO C. PIRES — UNIVERSILINO DE OLIVEIRA — J. P. DO ESPÍRITO SANTO — ARROIO SOCIEDADE.
- c. A 1ª DI AZUL vai defender a frente compreendida entre ESTA. S. ANTÔNIO e o ARROIO CAMELOS.
- d. O Cmt da 1ª DI, dispondo de 1 jornada para instalar-se defensivamente, decidiu organizar sua Posição de Resistência com 2 (dois) RI em 1º escalão e, considerando a hipótese de penetrar o inimigo na posição, decidiu, também, ficar em condições de aprofundar a defesa nas regiões I, II, III e IV.

2. MISSÃO DO 1º RI (Ver Calco anexo n. 2A)

- Defender a frente compreendida entre as alturas imediatamente a E de JOÃO C. PIRES e o ARROIO CAMELOS.
 — Acolher os Postos Avançados Gerais (PAG) em sua zona de ação.

3. MEIOS DISPONÍVEIS

O 1º RI para o cumprimento de sua missão dispõe dos seguintes meios:

a. Orgânicos:

- 1º, 2º e 3º BI (3 Cia Fzo cada)
 — Cia C
 — Cia Sv
 — Cia Mrt P 4.2
 — Cia Can AC 57.

b. Em reforço:

- 1ª/101º BCC Me.

c. Em apoio:

- 1º GO 105 AR — Ap Dto ao 1º RI
 — 1ª Cia E Cmb + 1º/1ª/101º BE Cmb — Ap Dto ao 1º RI.

4. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

a. Terreno

- Permite o movimento de viaturas através do campo.
 — Os cursos d'água existentes na carta não constituem obstáculos.

b. Condições meteorológicas

- Tempo bom e firme.

DOCUMENTO N. 2

Anexo: Calco n. 2B

TRABALHO PEDIDO

1. Examine o Calco anexo n. 2B e responda às seguintes perguntas:

- a. Que Regimentos o Cmt da 1ª DI decidiu empregar em 1º escalão?

R:

b. Com que elemento o Cmt da 1ª DI vai instalar os PAG?

R:

c. Qual a frente, em metros, atribuída ao 1º RI?

R:

d. Em função da resposta anterior, marque, abaixo, com um sinal (+) o tipo de defesa.

() Em posição — frente normal;

() Em posição — larga frente;

() Defesa móvel.

2. Qual a missão dos Postos Avançados Gerais?

R:

3. A Artilharia vai apoiar os PAG? Em caso positivo, que missões táticas pode receber para isso?

R:

4. O Cmt do 1º RI, para cumprir a sua missão, decidiu empregar dois BI em 1º escalão e conservar um BI em reserva. Considerando a hipótese de penetrar o inimigo na posição, vai ficar em condições de aprofundar a defesa nas regiões A, B, C e D.

Examine o Calco anexo n. 2B e responda às seguintes perguntas:

a. Quais os BI que o Cmt do 1º RI decidiu empregar em 1º escalão?

R:

b. Que elemento vai ficar em condições de aprofundar a defesa nas regiões A, B, C e D?

R:

c. A instalação dos Postos Avançados de Combate vai ficar a cargo de quem?

R:

5. As regiões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (ver Calco anexo n. 2B) correspondem a zonas de defesa no valor de Companhia de Fuzileiros.

Ambos os Cmts de BI de 1º escalão decidiram defender seus quartelões com duas Cia Fzo em 1º escalão e uma Cia Fzo em reserva.

a. Indique, abaixo, com o sinal (+) as regiões em que os Cmts dos BI de 1º escalão, coordenados pelo Cmt do RI, colocariam, respectivamente, suas duas Cia Fzo de 1º escalão.

(1) BI de W

() Regiões 6 e 7

() Regiões 3 e 7

() Regiões 6 e 3

(2) BI de E

() Regiões 1 e 2

() Regiões 4 e 5

() Regiões 8 e 9

() Regiões 1 e 5

b. Coerente com a solução que o Sr. indicou acima, trace no Calco anexo n. 2B, a Linha Principal de Resistência (LPR).

6. a. Considerando que as regiões *a, b, c, d, e, f, g, h e i* são hipóteses para a instalação dos PAC, selecione as que seriam efetivamente ocupadas, traçando no Calco anexo n. 2B a linha dos PAC e os respectivos pontos de ligação entre os elementos interessados.
- b. Com que finalidade o Cmt do 1º RI determinou a instalação dos PAC ?

R :

7. O Cmt do 1º RI previu para o aprofundamento da defesa as regiões A, B, C e D (ver Calco anexo n. 2B).

Qual delas o Sr. julga que, de posse do inimigo, mais comprometeria o sistema defensivo do 1º RI ? Por quê ?

R :

8. Marque no Calco anexo n. 2B, com uma seta para cada uma, as principais direções que podem ser utilizadas pelo inimigo, no ataque à posição.
9. O Cmt do 1º RI, para cumprir a sua missão, vai organizar uma barragem geral de fogos (fogos finais de proteção) imediatamente à frente da LPR.

- a. Quais devem ser as características principais de uma barragem geral ?

R :

- b. A que se destina ?

R :

- c. Que armas fornecem os fogos que constituem a ossatura da barragem geral de fogos (fogos finais de proteção) ?

R :

- d. A Artilharia participa dessa barragem geral de fogos ? Como ?

R :

10. Com que finalidade são planejados os fogos longínquos na defesa ? Qual a oportunidade desses fogos ?

R :

11. O Cmt do 1º RI conta com o apoio da 1ª Cia E Cmb + 1º/1ª/101º BECmb.

Que missões poderão ser atribuídas à Eng à frente de uma LPR e no interior de uma posição de resistência ?

R :

12. O Cmt do 1º RI decidiu manter, em reserva, um BI e elementos de CC.
- a. Quais as missões gerais de emprêgo de uma reserva ?
- R :
- b. Quais as missões particulares dos CC integrantes de uma reserva ?
- R :
13. Como o Cmt do 1º RI poderá intervir na conduta do combate ?
- R :
14. Tendo em vista a organização do sistema de comunicações, que ligações o Cmt do 1º RI terá que estabelecer obrigatoriamente ?
- R :
15. Em qual dos BI de 1º escalão espera que haja maior número de baixas ?
- R :
16. No caso estudado, no desdobramento dos órgãos de serviços divisionários, deve-se buscar aproximá-los ou afastá-los da linha de combate ? Por quê ?
- R :
17. A 1ª DI instalou um P Distr Cl I. O processo de recebimento de Cl I para o 1º RI será o normal ou haverá imposição do emprêgo da Cia Int para entrega às unidades ?
- R :

AOS COLABORADORES !

Como **COOPERAÇÃO** muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Dactilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando **UMA SÓ FACE DAS FÔLHAS DE PAPEL** e deixando espaço duplo entre as linhas.

2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.

3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).

4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.

5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, cite essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho ; no caso contrário, obtenham autorização prévia.

6. **REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS** observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).

7. Assinem a última fôlha e **INDIQUEM O ENDERÊÇO ATUAL** para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.